

01

**PELOS CAMINHOS DO INSÓLITO NA
NARRATIVA BREVE DE BRANQUINHO DA
FONSECA E DOMINGOS MONTEIRO (2020),
DE SILVIE ŠPÁNKOVÁ**

João Olinto Trindade Junior (UERJ)

João Olinto Trindade Junior é Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (2019) e Mestre em Literatura Portuguesa (2013) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Dedicar-se regularmente aos Estudos Literários, com ênfase no insólito ficcional, na narratologia, nas literaturas em língua portuguesa contemporâneas, nas literaturas pós-coloniais e na literatura contra-hegemônica moçambicana, tendo publicado *No coração da tempestade: irrupções insólitas em Vinte e zinco, de Mia Couto* (2013) pela Dialogarts.

Pelos Caminhos do Insólito na Narrativa Breve de Branquinho da Fonseca e Domingos Monteiro, de Silvie Špánková, reúne ensaios sobre contos e novelas desses escritores portugueses, revistos e ampliados para publicação sob a perspectiva crítica do insólito ficcional. Esses ensaios, contudo, não se limitam à manifestação do insólito ficcional na obra desses escritores, mas tentam, também, iluminar quem eles são e como são percebidos pela crítica.



Assim, o trabalho de Špánková resgata dois escritores da literatura portuguesa bastante significativos, mas muitas vezes esquecidos. Branquinho e Domingos Monteiro não são de todo desconhecidos pelo público-leitor e pela crítica. Presencistas, em contato com neorrealistas, produziram durante parte significativa do Estado Novo Português, em certo grau de negociação com o além-mar português.

Špánková observa que, embora tenham atingido certo reconhecimento em sua época de produção, sendo expoentes da narrativa breve, não tiveram seu pleno reconhecimento. Isso se deve, entre outros motivos, ao fato de a narrativa de curta extensão nunca ter alcançado em Portugal a mesma relevância que o romance.

É por esse viés que Špánková aponta a necessidade de novos olhares em relação à obra de Branquinho e Domingos Monteiro, valorizando sua plasticidade literária e recorrendo a novas

explorações temáticas. Se, por um lado, o conjunto de ensaios que compõem o livro não busca esgotar o tema, por outro, semeia um campo promissor, que pode resultar em futuras pesquisas.

Inicialmente, Špánková apresenta os instrumentais metodológicos de suas leituras. Em consonância com discussões em torno da manifestação do incomum, irreal, sobrenatural, a autora estabelece que não se pretende deter a uma linha terminológica única ou restrita, visto que antecipa como a manifestação do insólito na narrativa desses escritores não se limita a categorias estanques, conforme às premissas todorovianas, por exemplo. Antes, ela se dedica a definir uma conceituação própria do insólito ficcional, destacando vários aspectos que emanam na obra dos autores, o que lhes imprime um traço singular. O insólito seria, em sua ótica, um quadro de referência comum a ambos, baseando-se em toda uma tradição literária portuguesa.

Špánková recorre a trabalhos de pesquisadores que permeiam o gótico, o terror, o horror, o fantástico e outros possíveis subgêneros do fantástico, como, especialmente, os de Flavio García, que, contudo, não é sua linha exclusiva de orientação. Ela reconhece a amplitude do texto fantástico e, por isso, como muitos dos pesquisadores a que recorre, aborda uma série de manifestações consideradas incomuns, irreais, sobrenaturais, abarcadas pelo conceito do insólito. Para a estudiosa, pela construção da verossimilhança realista, o insólito é um dos elementos mais significativos da obra de Branquinho e Domingos Monteiro, de maneira que apresentam um ambiente que escapa ao realismo imediato, vulgar e cotidiano.

Špánková trata de diversos subgêneros do fantástico – o estranho, o gótico, o terror, o maravilhoso etc. –, mas os aborda pelo viés do insólito, aspecto discurso-textual que todos teriam em comum. Ela utiliza parte da postulação macrogenérica de Carlos Reis, o qual avalia o insólito como tudo o que não é típico e, debruçando-se nas pesquisas de Flavio García, chega à conclusão de que o insólito é um grupo de modalidades do extraordinário, sobrenatural ou extranatural que causam estranhamento, medo, incerteza ou inquietação, havendo, ainda, alguns temas propelidos a demonstrar certo grau de insolitude.

As leituras de Špánková, quando analisa a manifestação do insólito à luz dos estudos narrativos – mesmo que não intencionalmente –, colhem os frutos da interação entre Flavio García e Carlos Reis, o mais notável queirosiano da contemporaneidade e autor de um dos raros dicionários de narratologia, único em língua portuguesa.

A autora procura fugir de cristalizações teóricas sobre a chamada literatura do sobrenatural. Ela propõe uma abordagem que busca não ser pautada em regras rígidas, motivo pelo qual foge de uma definição terminológica restrita. Antes, considera a ficção do insólito “de um modo bem amplo como um conjunto de modalidades do extraordinário, sobrenatural ou extranatural que causam estranhamento, medo, incerteza ou inquietação” (2020, p.14-15).

Em consonância com os estudos mais contemporâneos sobre a literatura fantástica, Špánková salienta a leitura de García quando este reconhece a existência de estratégias de construção do

insólito. Por esse viés, aponta como “todas as deformidades na percepção do real, alucinações e as consequentes transfigurações da realidade inserem-se também [...] dentro das possíveis modalidades insólitas” (2020, p.16).

Sua perspectiva não foge dos apontamentos de García, que toma por referência para sugerir temas fulcrais que demonstrem certo grau da manifestação do insólito nas narrativas que estuda. Nesse empreendimento, Špánková dialoga com as pesquisas de Reis, para o qual o insólito não precisa estar relacionado necessariamente a um evento sobrenatural, mas pode apenas manifestar certo aspecto bizarro ou surpreendente.

Embora Branquinho e Domingos Monteiro possam ser, até certo ponto, considerados escritores relegados ao ostracismo pela crítica, o mesmo não pode ser dito quando se abordam as relações que tiveram com seus coetâneos. Conforme Špánková, eles são considerados “uns dos maiores expoentes da narrativa breve em Portugal” (2020, p.10), tendo influenciado escritores como Miguel Torga, José Régio, por exemplo.

A autora comenta como a obra de Mário de Carvalho, escritor português contemporâneo, está inserida numa tradição literária que conecta vários escritores, dentre eles, Sá-Carneiro e Domingos Monteiro. No contexto dos estudos sobre o insólito ficcional, Mário de Carvalho foi objeto da tese de doutorado de Flavio García (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1999) e, mais recentemente, de Luciana Morais da Silva (UERJ e Universidade de Coimbra, 2016), orientada em cotutela por García e Reis.

Špánková apresenta temas comuns ao universo ficcional de Branquinho e Domingos Monteiro: o da literatura portuguesa, da literatura produzida no século XX, dos escritores que transitavam pela Revista Presença, Neorrealistas, mas o elemento a que recorre para contextualizar esses escritores é justamente o estudo das temáticas. Tomando o comparativismo como caminho, não como uma vertente teórica, debruça-se nos temas/motivos/tópicos da literatura portuguesa. De igual maneira, elementos presentes em outros campos semióticos – como o da literatura inglesa, muito retomada para se estudar elementos da produção ficcional desses escritores – são ressignificados em um espaço português.

Desse modo, a abordagem dos temas é o caminho proposto por Špánková para apontar a intertextualidade pelo viés do insólito. Segundo a pesquisadora,

o método que leva em consideração os cruzamentos textuais e vários ecos literários que se deixam ouvir dentro das obras é particularmente interessante e pertinente na abordagem do insólito conforme a concepção de F. García. O insólito como uma qualidade própria do relato fantástico pode corresponder a um conjunto de fenômenos, situações ou figuras que, *per si*, garantem um certo nível de incoerência para com o mundo real. Os elementos deste conjunto, porém, não surpreendem pela novidade, mas sim, como pretendemos demonstrar, pelas suas novas e inesperadas realizações dentro do texto literário. (2020, p.19)

Špánková traça a relação entre o insólito e os temas literários para abordar como os dois escritores comungam não apenas de elementos entre si, mas de toda uma tradição literária; de como

dialogam, em particular, com a cultura portuguesa e, no geral, com a literatura portuguesa do século XIX, além das influências inglesas e espanholas. Assim, eles não se limitam a ser representantes de sua época, mas influenciados por uma gama de leituras anteriores.

De Branquinho, Špánková selecionou e apresentou “A gémea”, da coletânea *Zonas* (1932); “O conspirador”, “Lobo Branco” e “Os olhos de cada um”, de *Caminhos Magnéticos* (1938); “Histórias da Meia-Noite”, de *Bandeira Preta* (1956); e as novelas *O Barão* (1942) e *Rio Turvo* (1945). De Domingos Monteiro, “Casa mortuária” e “Enfermaria”, da coletânea *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária* (1943); “O Mal e o Bem”, de *O Mal e o Bem* (1945); “As Terras de Alvargonzález”, de *Histórias Castelhanas* (1955); “A Casa Assombrada”, de *Histórias deste Mundo e do Outro* (1961); “A mão fechada”, de *O Dia marcado* (1963); “A casa circular”, de *Histórias do Mês de Outubro* (1967); “A matadora”, de *A Vinha da Maldição e Outras Histórias Quase Verdadeiras* (1969); “O Canteiro de Estremoz”, de *O Destino e a Aventura* (1971); e a novela *O Primeiro crime de Simão Bolandas* (1965).

As principais influências de Branquinho e Domingos Monteiro teriam partido de Alexandre Herculano, Almeida Garret, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Fialho de Almeida e Aquilino Ribeiro? Špánková não se detém a responder a essa pergunta, como se evitasse retomar elementos hoje já abandonados pelos estudos comparativistas. Antes, aponta como a busca pelo imaginário popular português sempre fascinou gerações de escritores, os quais foram responsáveis por influenciar outros. Ao abordar criaturas sobrenaturais na obra de Branquinho, por exemplo, é comum que a pesquisadora realize uma genealogia

semântica da manifestação do elemento sobrenatural na cultura local, expandindo ainda mais o conceito.

Em sua leitura de “Lobo Branco”, Špánková amplia o significado da criatura, de forma que consegue apontar como é resgatada em todo um campo sociocultural europeu e como cada cultura a utiliza e reinterpreta. Essa postura crítica possibilita um intercâmbio entre elementos arquetípicos em diferentes contextos, o que é um dos pontos de partida para se compreender como o mesmo tema surgirá em sistemas literários diferenciados pelo recurso aos diferentes subgêneros do fantástico.

As histórias de fantasmas e mortos-vivos, de lobos e de tesouros são uma porta de entrada para compreendermos, com base nas leituras da pesquisadora, os processos de negociação intersemiótica dos escritores. Conforme defende,

na interpretação dos temas que veiculam certas modalidades do insólito deve ser ainda tomada em consideração a sua “linguagem” e o seu significado (simbólico). Por via do insólito, pois, consegue-se dizer muito mais para além do explicitamente dito, senão mesmo algo diferente do que foi dito. Portanto, os tópicos que chamamos, de acordo com F. Garcia, insólitos, por serem “do outro mundo” em relação ao senso comum e à lógica racional geralmente aceite, podem, pelo seu caráter estabelecido, consagrado e facilmente reconhecível, corresponder a figuras-tipos, como é defendido por C. Reis. Acontece, porém, que tais figuras encerram sempre algum significado próprio, intrínseco à história que as envolve e contextualiza. Parece-nos, assim, que não é possível interpretá-las somente pelos significados conhecidos de uma leitura paralela de outros textos, mas é

conveniente avaliá-las, também, à luz do contexto em questão, do conjunto de todos os outros motivos e realizações de categorias narrativas que configuram o seu significado único e irrepetível. Assim, por exemplo, o motivo de bruxa/bruxo, com o dom de vidente, ganha significados diferentes dentro da ficção de Domingos. (2020, p.202)

O motivo do lobo, do fantasma, do duplo, Špánková chama de “motivo” o que Todorov chama de “tema” – do vampiro, do olhar, do amor, etc. – para abordar as manifestações do insólito em cada obra. Diversas vezes usa de forma sinonímica os termos “tema”, “motivo” e “tópico” (2020, p.12). Não se trata de um uso específico, mas macro: ao se referir ao tema do duplo, por exemplo, transita por narrativas aparentemente díspares como “O Barão” e “Lobo Branco”, abordando criaturas supostamente sobrenaturais; ou, nas mesmas narrativas, o tema do vampiro, ao considerar o mito vampiresco da criatura que é uma espécie de predador social (2020, p.62). Em suas leituras, essas temáticas se mesclam, de maneira que o duplo, o vampiro, a sombra, a casa assombrada, dentre outras, não se desvinculem.

Esses temas/motivos vão sendo ressignificados pelo seu campo de tradução intersemiótica, a exemplo da narrativa *O barão* – uma das mais importantes para se entender a prosa de Branquinho. A esposa do barão, mulher submissa e que não vive sem o marido, remete à figura da noiva vampiresca/escrava. E os moradores do vilarejo, por sua vez, reencenam as vítimas do vampiro, as quais vivem para o deleite do nobre, como se ele sugasse suas forças vitais. Dessa maneira, sua figura parasita a sociedade portuguesa interiorana, aproximando-se à

representação de certa nobreza rural decadente. Essa mesma representação da figura vampiresca como um nobre que suga a energia vital será retomada em outros contos do autor, como “D. Vampiro” (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.62).

O motivo do duplo é uma das manifestações mais recorrentes na ficção dos escritores abordados (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.56), o que justifica um subcapítulo dedicado à temática. Ao fazê-lo, Špánková traça uma linha na tradição do mito literário do duplo, passando, em Portugal, por Sá Carneiro, a exemplo da narrativa “A estranha morte do professor Antena”.

Há outros temas na ficção de Branquinho, como a sociedade interiorana/do regionalismo, em “O conspirador”, o tesouro e o olhar, em “Os olhos de cada um”, a metamorfose, uma variação do tema do duplo, em “Lobo Branco”, “O Barão” e “A gémea”. Essas três últimas narrativas incluem, em diferentes níveis, o tema do sedutor, vulgo “mito donjuanesco” (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.60). “A gémea” aborda o tema da mulher perdida ou duplicada, uma variação do tema da morte.

Branquinho e Domingos Monteiro compartilham dessas temáticas, na medida em que interagem com tradições literárias em comum. Embora alguns temas estejam mais presente na obra de um do que na de outro. Exemplo disso é o tema da cultura espanhola, muito mais referenciado nos textos de Domingos Monteiro. Para a pesquisadora, essa temática tende a estar mesclada com o tema da viagem e do regresso – “As Terras de Alvargonzález”, narrativa que também apresenta o tema da loucura. Há ainda o tema da casa e elementos do seu campo semântico, como residência, fortaleza,

proteção, família – “Casa Mortuária”, “Enfermaria” e “A casa circular” – e do destino – “A Mão fechada” – bem como da guerra colonial – “O Canteiro de Estremoz”.

Špánková também delimita a influência do gótico inglês na obra dos escritores, de forma direta ou, também, por influência do gótico no romantismo português. Dessa maneira, aponta para uma tradição de escritores que realizaram experimentações literárias pelo recurso a um “gótico estilizado” (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.125).

A presença de um elemento gótico ressignificado para a cultura portuguesa possibilita, de acordo com a autora, a incidência de uma mescla de temáticas. Na narrativa fonsequiana *Rio turvo*, tem-se o motivo da viagem. Nela, há um narrador que conta uma história do passado, mas apresentando lugares que, em suas memórias, são apresentados de maneira exótica, como a natureza selvagem. A temática da metamorfose está presente em “A gémea”, com a transformação subjetiva na atitude das personagens. Essa narrativa também resgata outra temática, a da mulher ausente, que pode ser a mãe desaparecida, a irmã que casa com o cunhado ou um fantasma ressentido. Isso nos aponta para transformação do horror em conto de mistério.

A premissa de mistério será uma constante nas obras estudadas. O elemento sobrenatural não tem necessariamente uma função terrífica, mas busca levar as personagens à elucidação de dada questão. Os escritores criam uma série de situações que sugestionam os elementos sobrenaturais, transmitindo a sensação de atmosfera insólita.

Em “Lobo Branco”, além da abordagem das culturas autóctones, há a maestria do autor em “implantar, entre linhas, um mistério nunca plenamente explicitado, racionalizado ou explicado” (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.107).

O mistério a ser revelado nem sempre é um segredo, pois é de conhecimento da comunidade, como em “A Mão Fechada”, na qual o protagonista faz um acordo com uma jovem e não o cumpre. Novamente temos o tema das personagens movidas pela força do destino, sendo a representação do insólito uma forma de restauração da ordem. A moça que receberá a promessa de compromisso nunca cumprida, Rosarinho, mantém a mão fechada anos depois, e isso reflete na mão da filha da protagonista.

Nas narrativas estudadas, há uma negociação entre um gótico estilizado e a cultura local e, no caso específico desses escritores, interiorana. Assim como outros escritores que, em sua prosa, procuraram representar uma Ibéria arcaica, rica em mitos e crenças transmitidas oralmente, Branquinho e Domingos Monteiro realizaram o mesmo processo ao tomar como influência suas terras de origem, localizadas no interior português. Porém, não abordam esses elementos por um viés sociológico, mas antropológico e psicológico.

Isso possibilita o recurso a um elemento sobrenatural sutil. Para Branquinho, a cultura local é espaço de negociação dos grandes temas universais. Terra, mitos, lendas e elementos são a base da escrita de ambos. Há um “insólito folclórico” (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.55) influenciado pelo imaginário, e nas crenças que circundam as localidades rurais.

Em Domingos Monteiro, encontram-se elementos fundamentais da psique humana, manifestações que não excluem o insólito em si. Um insólito mais psicológico, como em “O Mal e o Bem” – exemplo da influência de Dostoiévski para o português (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.115) –. Nesta narrativa, a protagonista é descoberta após ter cometido um furto por um motivo nobre e, por isso, se vê diante das malhas do destino.

A leitura que Špánková faz desses escritores com relação à manifestação do metaempírico aponta um elemento insólito que ora é sugestionado, ora ocorre como se forças da natureza tomassem conta das personagens, obrigando-as a realizar diversas ações. Não por acaso, ela utiliza esse termo como subtítulo do um dos capítulos da obra.

Mesmo apontando elementos díspares na manifestação do insólito na obra de Branquinho e Domingos Monteiro, Špánková salienta suas aproximações: a irrupção de um insólito atemporal, telúrico, o qual aborda temas como a ira, o medo, a guerra, situações nas quais o incomum é parte do cotidiano e, por assim dizer, banalizado. Essas premissas estarão presentes na leitura de determinadas imagens, como a “casa”: lugar de proteção, fortaleza, costumes, herança, a qual, nos textos oitocentistas ao retomar a imagem das fortalezas das narrativas de cavalaria e dos castelos góticos assombrados, é resgatada como espaço do horror e, particularmente em Domingos Monteiro, do insólito familiar.

Tal como os regionalistas brasileiros da geração de 30, esses escritores mostram suas regiões de origem como um microcosmo que reflete a irracionalidade por meio de sua própria racionalidade.

Exemplo disso pode ser visto na obra de Domingos Monteiro, e como o escritor utiliza as culturas interioranas, personagens e situações como forma de criar elementos arquetípicos (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.143). É o caso de “O primeiro crime de Simão Bolandas”, apresentado como uma narrativa que encena um valor moral. A personagem é guiada em suas ações pelo pastor de montanhas Zé Lua, sábio que transmite os ensinamentos e indica o caminho a ser seguido pelo protagonista. A figura do sábio/profeta pode ser aproximada, pelo campo das temáticas, a outras tão distantes como a do cego Tirésias, de Édipo Rei, às “figuras-tipos” (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.202).

O espaço rural, a noite nublada e todo o ambiente compõem sugerindo que as personagens não são sobrenaturais em si, mas sim o espaço na qual atuam. Essa abordagem estará sempre presente, já que há uma constante transformação do *locus amoenus* em *locus horrendus* (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.167), ou seja, ao parasitar o mundo empírico, o texto ficcional tem como resultado uma variedade do espaço vivido que possibilita sua melhor compreensão. Compreender a ficção fonsequiana e monteirana envolve observar como a transição desse espaço empírico em espaço ficcional possibilita a compreensão da polissemia textual, a caracterização das personagens e determinados protocolos fictionais.

Essa negociação entre temática/regionalismo/gótico estilizado é muito bem observada por Špánková em “As terras de Alvargonzález”, de Domingos Monteiro: a lagoa vira o túmulo do patriarca da família, assassinado pelos filhos; a casa, antes morada, é cripta, igualmente assombrada pelos mistérios – fantasmas – das personagens. Na tradição de um sobrenatural

sugestionável, todos os acontecimentos podem ser explicados de maneira plausível: os filhos matam o pai e jogam seu corpo no rio, prejudicando seu fluxo; estes, tomados pela ganância, não trabalham adequadamente a terra, a qual perde sua vitalidade. Os moradores da região não deixam de conceber o acontecimento pelo viés do animismo (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.119), justificando a seca que toma a terra dos Alvargonzález como causada por uma maldição: a seca da terra dos Alvargonzález é associada a uma maldição pela morte do patriarca, de forma que, no texto, os atos humanos tem reflexo na natureza. Quando o irmão mais novo retorna – e este se assemelhava muito com o pai – sem conhecer totalmente os fatos, a punição cai sobre os irmãos mais velhos, com o aval do sobrenatural, ou melhor, do Destino.

Essa representação do fantástico já fora apresentada, ao mostrar como as ações humanas têm reflexos sobrenaturais, como em “O primeiro crime de Simão Bolandas”:

O crime, mesmo que coberto pelo poder do direito civil, será punido. E isto porque a existência humana continua a ser pequena se comparada com as forças que a transcendem, sejam elas divinas ou naturais, emanando da natureza como símbolo da ordem e harmonia, da *vox populi* como encarnação da memória coletiva, e da própria consciência pessoal, dotada de uma auto-censura (sic) em forma de remorsos. É precisamente este princípio ético e humanista que percorre toda a obra de Domingos Monteiro. (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.172-173)

Essa mesma premissa fora apontada por Špánková na leitura que faz de “Mão fechada”, em que a irrupção do insólito está relacionada a uma promessa feita pelo protagonista. Os eventos

são plausivelmente explicáveis, mas o narrador leva-nos a um entendimento dos acontecimentos humanos, de maneira que esses são guiados pelas consequências de suas ações.

Špánková observa que algumas das narrativas dialogam com a tradição das narrativas de viagem e, em particular, com as do fracasso da aventura colonial. Nesse ponto, aborda toda uma tradição de narrativas influenciada por *Coração das Trevas*, de Joseph Conrad (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.172-173), e como essas narrativas de viagem novecentistas agregam elementos do gótico estilizado ao descortinar o além-mar português, como em “Tristes Trópicos”, de Domingos Monteiro, em que a personagem lança-se ao sonho da riqueza no exterior, nas selvas brasileiras.

As leituras feitas por Špánková sob a ótica do insólito possibilitam reler temas folclóricos, tópicos da duplicidade, das viagens e dos mistérios, manifestando-se nas mais diferentes escalas, transitando de pseudofantásticos – como em “Casa Circular”, experimentação de Domingos Monteiro no campo da ficção científica – até o gótico.

Como aponta a pesquisadora,

No que diz respeito às estratégias da sua construção, podemos constatar, de acordo com F. Garcia, que o insólito é relacionado, na obra dos dois autores, seja com categorias narrativas (ação, personagens, espaço e tempo), seja com recursos discursivos, através dos quais a realidade circundante é sucessivamente transfigurada. (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.199)

Para a autora, os escritores não aderiram plenamente ao gótico; antes, suas narrativas favorecem o surgimento de cenários sombrios e/ou terríficos, manifestados em Branquinho por meio

de histórias sobre fidalgos que moram em solares abandonados, e em Domingos Monteiro na representação de um nobre – que tem a alcunha de “javali”, animal associado, na obra, à sedução (ŠPÁNKOVÁ, 2020, p.118) – buscando, como um vampiro, predar o leite do pai do protagonista.

É assim que Silvie Špánková apresenta as características mais marcantes desses escritores: a construção de narrativas insólitas que não se limitam a promover o deleite estético, senão que propiciam reflexões sobre nossa percepção do mundo e do ser humano.